

A falsa consciência e suas consequências na sociedade unidimensional.

Joab Jonathan Cruz Farias de Lima (PIC/CNPq/FA/UEM), Robespierre de Oliveira (Orientador), e-mail: joabjfarias@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/ Maringá.

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do [CNPq/CAPES](#)
Ciências Humanas, Filosofia

Palavras-chave: Ideologia, racionalidade tecnológica, sociedade unidimensional.

Resumo:

O presente projeto visa abordar a questão da ideologia apresentada por Marcuse em *O Homem Unidimensional* (1964), e mostrar como essa ideologia superimposta funciona como um mecanismo de manutenção, padronização e dominação das massas. Para o autor, esse mecanismo de controle é muito mais eficaz e natural, formando um indivíduo cada vez menos autônomo e mais mecanizado. E a sociedade torna-se massificada e alienada. Marcuse nomeia esse fenômeno de sociedade e homem "unidimensionais".

Introdução:

Para compreender os problemas fundamentais expostos por Marcuse em *O Homem Unidimensional* considera-se a sociedade industrial avançada, cuja ideologia é fundamental para sua manutenção e reprodução. Para isso, é preciso entender o próprio conceito de ideologia. Para o autor, essa sociedade mostra-se como dualidade, embora aparentemente livre e democrática, essa sociedade busca a total administração, preservando a desigualdade social. Mais ainda: o avanço da tecnologia, que deveria levar os homens a um modelo de vida totalmente novo e qualitativamente diferente, revelou-se no contrário. A ideia segundo a qual a tecnologia emanciparia os homens fora superada pela realidade de uma tecnologia voltada para a destruição e dominação.

Segundo Marcuse, essa sociedade tende a tornar-se totalitária, pois determina o consumo de mercadorias criando novas necessidades para os indivíduos, as quais mantêm a reprodução social de dominação. Para Marcuse, tais necessidades seriam falsas em oposição a necessidades verdadeiras, proporcionando a sensação de uma falsa liberdade e conforto. Assim, a mobilização para o consumo seria mobilização para a

conformidade e a passividade. Isso enfraquece qualquer oposição a esse modelo de vida “agradável”.

O aparato tecnológico da sociedade avançada determinaria o funcionamento dessa sociedade. A sociedade tecnológica é o sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas, sendo intrinsecamente ideológico. A ideologia aqui é entendida segundo o conceito da filosofia marxiana, como inversão da realidade, como falsificação da consciência. É um conjunto de ideias que oculta, vela, obscurece, inverte a realidade. Essas ideias vêm para “justificar” o modelo de vida existente.

Marcuse, assim como outros autores da teoria crítica, mostra como tal “justificação” da sociedade estabelecida está diretamente ligada à produção em massa de produtos culturais. A indústria cultural busca moldar o estilo de vida da sociedade avançada, com uma aparente diversidade, embora de modo unidimensional. É unidimensional na medida em que a diversidade é permeada dos mesmos valores.

A racionalidade tecnológica possibilita uma organização racional para um fim irracional – o desperdício das forças humanas e dos recursos naturais. Essa racionalidade instrumental é introjetada nos indivíduos pela sociedade. Isso dificulta o desenvolvimento do pensamento crítico para além dessa estrutura social. Assim há o predomínio do pensamento unidimensional, que oculta a repressão existente. A identificação do indivíduo com o modelo imposto não é apenas “ilusão”, mas sua própria realidade.

Materiais e métodos

Metodologia focada na leitura e análise de textos filosóficos. O principal objeto de análise é o livro *O Homem Unidimensional* (1964), de Herbert Marcuse. Para complementar a discussão foram usadas breves reflexões em autores como Marx e Engels, Adorno e Horkheimer e Zizek.

Resultados e Discussão

A discussão tem como objetivo mostrar como a sociedade descrita por Marcuse tornou-se um tipo de “sociedade modelo” no Ocidente. Essa sociedade torna-se vigente através do processo de introjeção da ideologia e da reprodução do modelo social nos países industriais avançados. O desenvolvimento da tecnologia, apontado por Marcuse, mostra a tecnologia sob dois pontos de vista contraditórios. Apesar dela poder ser utilizada para atender as necessidades humanas, trazendo um modelo de vida totalmente diferente e emancipatório, ela é mais utilizada como meio de destruição e dominação. Nesta sociedade, a crítica é enfraquecida e a perspectiva de uma mudança qualitativa nas relações é quase nula. Marcuse aponta a negação crítica dessa sociedade como forma de sair dela. Isso ocorreria mediante a recuperação de conceitos e concepções críticas que se

perderam no processo de introjeção ideológica, para assim, fazer uma oposição eficaz .

Conclusões:

A conclusão é que a Sociedade Unidimensional embora organizada de forma “racional” pelo interesse dominante deixa arestas para sua superação. Essa superação só pode acontecer por um esforço político e filosófico de apontar as contradições dessa sociedade, recuperando a criticidade e autenticidade do pensamento. A prática, que supera a filosofia, seria assim realizada pelos agentes de mudança social, visando um modelo de vida emancipatório e não repressivo.

Agradecimentos:

Agradecimentos ao orientador Prof. Dr. Robespierre de Oliveira, à minha companheira Gabrielle Mari, aos amigos de estudos sobre a Teoria Crítica Emanuel Djaci e Gabriel Dias, e a Professora Meire Mathias do Departamento de Ciências Sociais-UEM por me introduzir ao tema.

Referências:

HORKHEIMER, M., & ADORNO, T.W. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1985;

MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial – O Homem Unidimensional*, Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro, Quarta Edição, Ed. Zahar Editores, 1973;

MARX, K. & ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo, Boitempo Editorial, 2007;

ZIZEK, Slavoj. (org.) *Um Mapa da Ideologia*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Editora Contraponto, 1996.